

CUIDADOS EM SAÚDE MENTAL E COVID-19: NARRATIVAS MIDIÁTICAS NA PANDEMIA

Atención a la salud mental y covid-19:
narrativas mediáticas durante la pandemia

Mental health care and covid-19:
media narratives in the pandemic

RESUMO:

A pandemia da Covid-19, além de agravar a crise sanitária, política e econômica, impactou as condições de saúde mental da população – temática que se materializou na veiculação de inúmeras reportagens. Considerando as diferentes formas de produção de discursos e práticas sobre saúde mental, e o caráter hegemônico da mídia brasileira, o presente artigo objetivou analisar como o discurso sobre cuidados em saúde mental no período inicial da pandemia da Covid-19 manifestou-se na esfera da mídia hegemônica brasileira. Trata-se de um estudo descritivo e qualitativo, baseado na análise documental de reportagens sobre saúde mental veiculadas no Portal de Notícias G1, entre abril e junho de 2020. Os resultados sinalizam o reforço de um ideário individualista sobre saúde mental, calcado na razão psicopatológica e na medicalização da vida. O discurso especialista atua como garantidor de credibilidade às narrativas hegemônicas de cuidados em saúde mental, ocultando experiências de diferentes sujeitos e grupos sociais.

Palavras-chave: Covid 19; Saúde Mental; Mídia.

RESUMEN:

La pandemia de COVID-19, además de agravar la crisis sanitaria, política y económica, impactó en las condiciones de salud mental de la población - tema que se materializó en la publicación de numerosos reportajes. Considerando las diferentes formas de producción de discursos y prácticas sobre salud mental, y el carácter hegemónico de los medios de comunicación brasileños, el presente artículo tuvo como objetivo analizar cómo el discurso sobre la atención en salud mental en el período inicial de la pandemia de COVID-19 se manifestó en la esfera de los medios hegemónicos brasileños. Se trata de un estudio descriptivo y cualitativo, basado en el análisis documental de reportajes sobre salud mental publicados en el Portal de Noticias G1, entre abril y junio de 2020. Los resultados señalan el refuerzo de un

CAMILA MARQUES SILVA DAHER

<https://orcid.org/0000-0002-8874-4965>
Doutora e mestre em Psicologia, na linha e Processos Psicossociais em Saúde, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Psicóloga pela Unifaminas Muriaé. E-mail: camila-daher@hotmail.com

LARISSA PIMENTA COLDIBELI

<https://orcid.org/0000-0001-6679-6409>
Doutoranda e mestre em Psicologia, na linha de Processos Psicossociais em Saúde, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Especialização pelo MEC em Residência Multiprofissional em Saúde do Adulto (HU-UFJF). Psicóloga pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: coldibeli.larissa@gmail.com

GABRIEL FERREIRA SABARIZ

<https://orcid.org/0000-0002-3512-0403>
Psicólogo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: gabrielsabariz@gmail.com

Continua na próxima página ↓

DOI: 10.5935/2175-1390.v26e25668



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons CC BY. Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

FERNANDO SANTANA DE PAIVA

<http://orcid.org/0000-0002-6030-9777>

Doutor em Psicologia (Psicologia Social) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Psicólogo e Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor de graduação e pós-graduação do Departamento de Psicologia da UFJF.

E-mail: fernandosantana.paiva@yahoo.com.br

GUSTAVO FERREIRA COUTINHO

<https://orcid.org/0009-0004-5365-7652>

Mestrando em saúde coletiva (PPGSC-UFJF). Psicólogo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

E-mail: coutinho.gustavo@estudante.ufjf.br

ideário individualista sobre saúde mental, asentado en la razón psicopatológica y en la medicalización de la vida. El discurso especialista actúa como garante de credibilidad de las narrativas hegemónicas de atención en salud mental, ocultando las experiencias de diferentes sujetos y grupos sociales.

Palabras clave: COVID-19; Salud mental; Medios de comunicación.

ABSTRACT:

The COVID-19 pandemic, besides worsening health, political, and economic crises, has impacted the population's mental health conditions - a theme that materialized in the publication of numerous reports. Considering the different ways in which discourses and practices on mental health are produced, and the hegemonic nature of Brazilian media, this article aimed to analyze how the discourse on mental health care in the initial period of the COVID-19 pandemic manifested itself in the sphere of the hegemonic Brazilian media. This is a descriptive and qualitative study, based on a documentary analysis of reports on mental health published on the G1 News Portal between April and June 2020. The results show the reinforcement of an individualistic ideology on mental health, based on psychopathological logic and the medicalization of life. The specialist discourse acts as a guarantor of credibility for the hegemonic narratives of mental health care, concealing the experiences of different subjects and social groups.

Keywords: COVID-19; Mental Health; Media.

INTRODUÇÃO

O novo coronavírus foi identificado no mês de dezembro de 2019 na China, mais especificamente na província de Hubei. Desde então se espalhou para todos os continentes configurando-se como a primeira pandemia do século XXI. Essa foi oficialmente declarada no Brasil em março de 2020, e produziu uma série de movimentações que nos desafiaram a pensar sobre diferentes maneiras de habitar o mundo e de nos relacionarmos. Neste ínterim, conforme nos adverte Octavio Bonet (2021), a convivência com o vírus fez emergir a experiência de novas afetividades e concepções sobre o mundo, face ao espanto e às incertezas com as quais tivemos que lidar.

Em meio à crise sanitária, política e econômica que ceifou mais de 700 mil vidas no Brasil e aproximadamente 7 milhões pelo mundo até fevereiro de 2024, o espanto público gerado contribuiu sobremaneira para a produção de sofrimentos, ansiedades, tristezas e o medo como afetos que ocuparam a cena pública e privada. Neste contexto, o debate sobre a saúde mental populacional foi amplamente documentado mundo afora (Huq, Das, Devakumar, Daruwalla & Osrin, 2021; Lee & Singh, 2021), sendo até mesmo alardeado que viveríamos uma epidemia de saúde mental, uma espécie de 4ª onda pandêmica, em decorrência dos múltiplos efeitos produzidos pelo vírus na dinâmica psicossocial, cultural e econômica. Especialmente sujeitos e grupos sociais considerados mais vulneráveis, como idosos, jovens e mulheres negras e pobres, estariam mais predispostos a apresentarem distúrbios psicológicos em decorrência da crise sanitária (Moulin et al., 2022; Refaeli & Krumer-Nevo, 2022).

No Brasil, cumpre salientar que a pandemia da Covid-19 emergiu em um período histórico no qual os discursos e práticas de medicalização e farmacêuticalização da vida já se faziam presentes no cotidiano das ações de cuidado formais e informais em saúde mental, havendo vários indicadores que sinalizam o aumento do uso de medicamentos psicotrópicos como prática hegemônica de cuidado em saúde mental (Zorzaneli et al., 2019). Ademais, o período pandêmico emergiu em um cenário de contra-reforma psiquiátrica, com forte apelo a um ideário hospitalocêntrico-asilar de atendimento aos quadros de sofrimento e adoecimento mental, culminando em um investimento ainda maior do Ministério da Saúde na compra e dispensação de medicamentos psicotrópicos, com destaque para o período entre março e junho de 2020, em detrimento à oferta de práticas e políticas de cuidado de base territorial (Garcia, Amorim, Rodrigues, & Mendonça, 2022).

Em momentos em que se configuram situações emergenciais na área da saúde, a comunicação midiática possui papel essencial na propagação de informações sobre a nova doença identificada, como observado em relação à Covid-19, podendo contribuir na elucidação de possíveis formas de cuidado de si e do outro, e, no caso em tela, operar como um canal de socialização virtual que foi importante para a manutenção de quadros mínimos de saúde mental. Ademais, cumpre salientar que durante a pandemia da Covid-19 houve uma disputa pela narrativa oficial sobre a doença e formas de tratamento. Foi notório o emprego maciço de *fake news* e a disseminação de inverdades como método político de informação, com efeitos diretos nas práticas cotidianas de cuidados em relação à doença, tais como o negacionismo e a minimização dos danos oriundos do vírus SARS-COV-2 (Raquel et al., 2022; Vasconcellos-Silva & Castiel, 2022).

De acordo com John Thompson (2002), enquanto consumidores de conteúdo midiático, somos expostos a ideias e versões da realidade que geram impacto nas subjetividades, influenciando opiniões, crenças, concepções e, consecutivamente, direcionamentos políticos sobre os rumos da sociedade. Pierre Bourdieu (1997), por sua vez, adverte-nos sobre o potencial ideológico e simbólico da mídia, bem como sua capacidade de interferir no imaginário social, valendo-se da linguagem, que se expressa em diferentes signos (imagens, vídeos e textos), como ferramenta de apropriação e modificação de sentidos em favor da sustentação de determinadas concepções de mundo.

Nesse processo, elegemos determinadas vozes tidas como confiáveis, a quem atribuímos credibilidade, ou seja, capital simbólico. Através deste tipo de capital simbólico, somos convocados como sujeitos a selecionar o que acreditamos ou não ser “informação confiável”. Ao passo que se estabelece essa imagem de respeito, tem-se o aval para induzir a produção de crenças e descrenças, modificar o curso

dos acontecimentos, apontar respostas, deslegitimar movimentos populares e embasar ações econômicas, coercitivas e políticas, ou seja, alterar direções pessoais e sociais (Bourdieu, 1997; Thompson, 2002).

Em nossa história recente, os diversos veículos midiáticos têm ocupado um papel importante na produção de informações sobre diferentes temáticas, incluindo as práticas de cuidado em saúde e saúde mental, valendo-se de diferentes recursos ideológicos e simbólicos para a propagação de informações. Nessa direção, em meio ao cenário de incertezas que vivenciamos durante a pandemia da Covid-19, que contribuiu para a produção de quadros de sofrimentos e adoecimentos psíquicos, bem como o papel relevante desempenhado pela produção midiática de comunicação em saúde, o objetivo do presente artigo foi analisar como o discurso sobre cuidados em saúde mental durante o período inicial da pandemia da Covid-19 se manifestou na esfera da mídia hegemônica brasileira.

PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa, baseado na análise documental (Cellard, 2008). Nessa perspectiva, o documento é entendido como material que permite a análise dos processos socioculturais que envolvem as práticas e conhecimentos de pessoas, grupos e instituições em determinado período histórico, não se configurando, portanto, como matéria inerte ou algo que remete a um lastro do passado, como nos adverte Michel Foucault (2008).

Na presente investigação, a análise documental foi realizada a partir do levantamento de reportagens sobre saúde mental veiculadas no Portal de Notícias *GI* no período de abril a junho de 2020, durante o período inicial, ou a denominada primeira onda da pandemia da Covid-19. De acordo com Mary Jane (1999), especificamente no trabalho de pesquisa com jornais ou outros tipos de mídia, é importante o reconhecimento das regras a partir das quais os textos são gerados. Além disso, é necessário adotarmos uma perspectiva de análise que possibilite compreender o texto mais amplo dentro do qual o texto específico está sendo histórica e contextualmente produzido.

Nessa direção, cumpre salientar que no Brasil, a pandemia de Covid-19 apresentou três grandes ondas epidemiológicas entre 2020 e 2022. A primeira onda, observada em 2020, correspondeu ao período inicial de disseminação comunitária do vírus, marcado por elevada incerteza, ausência de vacinas e forte impacto na morbimortalidade. A segunda onda, entre o final de 2020 e início de 2021, esteve associada à circulação predominante da variante Gama (P.1) e a picos ainda mais elevados de casos e óbitos. A terceira onda, no início de 2022, relacionou-se à disseminação da variante Ômicron, caracterizando-se por alta transmissibilidade em um contexto de maior cobertura vacinal e menor letalidade relativa. Esse padrão de três ondas foi identificado em análises epidemiológicas nacionais baseadas em séries temporais de casos, óbitos e vacinação no país. No presente estudo, optou-se pelo período da primeira onda por caracterizar-se como um momento de incertezas, ausência de protocolos consolidados e forte mobilização midiática, distinto das fases posteriores (Moura et al., 2022).

A justificativa para a escolha do veículo midiático *GI*, pertencente ao Grupo Globo, foi baseada em sua popularidade, alcance e dimensão. O Grupo Globo constitui-se como o maior conglomerado de mídia do país, possuindo o mais amplo alcance territorial nacional (Cabral, 2016). Lançado em 2006, o portal integra notícias e reportagens produzidas por diversas unidades do grupo, incluindo redação própria, *TV Globo*, *GloboNews*, rádios e jornais associados, com atualização contínua e ampla cobertura nacional. O portal de notícias reproduz uma linha editorial que se apoia fortemente em critérios tradicionais de jornalismo informativo e na lógica institucional de um grande conglomerado de mídia, o que reforça, em certa medida, uma tradição conservadora da mídia brasileira, a partir da adoção de discursos hegemônicos sobre diferentes temáticas de interesse público (Herscovitz, 2009; Santos & Aires, 2017).

Tal configuração tem sido objeto de pesquisa acadêmica em estudos de comunicação comparando as escolhas de conteúdo e enquadramentos em portais de mídia digital no Brasil, incluindo o *GI* como exemplo de porta-voz do jornalismo de massa digital (Herscovitz, 2009). Essa integração permite que o *GI* exerça papel central no ecossistema de jornalismo digital brasileiro e seja referência frequente em estudos

que examinam fontes, critérios de produção e enquadramentos jornalísticos em contextos específicos, o que reforça a justificativa de sua seleção empírica para a análise discursiva sobre a pandemia de Covid-19.

A coleta de dados foi realizada entre 25 de julho e 31 de agosto de 2022 através do buscador do *website* “*GI*”, sendo organizada a partir de duas etapas. A primeira etapa consistiu na busca das reportagens a partir dos seguintes critérios: (a) serem publicadas no intervalo de tempo de abril, maio e junho de 2020 (meses iniciais da pandemia de Covid-19 no Brasil); (b) aparecerem como resultado no buscador do *website* do *GI* a partir do uso do descritor “saúde mental”; (c) serem matérias produzidas pelo *GI*. Ressaltamos que a escolha do descritor “saúde mental” se justifica por sua abrangência e capacidade de agrupar as informações de interesse da pesquisa nas reportagens buscadas. Considerando, ainda, o alto volume de material encontrado, a escolha em focalizar a análise no contexto brasileiro, e nossa limitação em tratar das especificidades regionais da pandemia neste recorte da pesquisa, foi estabelecido o seguinte critério de exclusão: (a) notícias veiculadas pelas filiais regionais do *GI*, e por remetentes internacionais. Ao fim desta etapa, 51 reportagens foram selecionadas.

A segunda etapa consistiu na leitura exploratória e pré análise das reportagens que atendessem adequadamente os objetivos da investigação, a partir da identificação de temas recorrentes, temas-chave, atores e modos de nomear as situações e problemas. Mantiveram-se no *corpus* da pesquisa as notícias que: (a) abordavam a pandemia da covid-19 enquanto um dos tópicos centrais; (b) tinham como proposta a temática dos cuidados em saúde mental durante o período delimitado. A partir dos critérios supracitados, por fim, foram selecionadas 23 reportagens, conforme Quadro 1.

Quadro 1: Reportagens selecionadas

Número	Data	Título das Reportagens
1	03/04/2020	Coronavírus: Como evitar comer demais enquanto trabalha de casa
2	04/04/2020	Coronavírus: o impacto da doença na saúde mental de adolescentes e jovens
3	04/04/2020	Coronavírus: Bem Estar tira dúvidas no É de Casa deste sábado
4	07/04/2020	Como posso me aperfeiçoar no período de isolamento?
5	10/04/2020	Coronavírus: como manter a saúde mental em períodos de isolamento?
6	10/04/2020	Coronavírus: dicas para organizar a vida durante o isolamento
7	15/04/2020	OMS pede a governos que limitem acesso a bebidas alcoólicas durante pandemia de novo coronavírus
8	24/04/2020	24 de abril, sexta-feira
9	08/05/2020	Unaid diz que pessoas com HIV sentem falta de informações, assistência e insumos em tempos de Covid-19
10	11/05/2020	Cresce atendimento psiquiátrico durante a pandemia
11	11/05/2020	Ioga on-line se adapta para novo público durante pandemia
12	14/05/2020	Pesquisa com participação do Brasil vai investigar se quem já praticava atividade física está lidando melhor com a quarentena
13	14/05/2020	Últimas notícias de coronavírus de 14 de maio
14	18/05/2020	Instagram lança nova ferramenta para agregar conteúdo; Brasil é um dos primeiros a receber
15	19/05/2020	Pacientes graves de Covid-19 podem ter delírios, diz estudo
16	22/05/2020	Pandemia do coronavírus agrava problemas de saúde mental
17	23/05/2020	Coronavírus: como identificar a depressão na pandemia? Veja as dicas do Bem Estar
18	29/05/2020	Pesquisa indica renda afetada, alta da depressão e mais consumo de álcool e tabaco no Brasil pós-pandemia
19	03/06/2020	Quais estratégias podem ajudar a reduzir os impactos da pandemia de coronavírus na saúde mental
20	17/06/2020	DJ convida pessoas brancas a enviarem plantas para amigos negros como gesto de solidariedade
21	19/06/2020	Pandemia adiantou mudanças no mundo do trabalho; veja as 10 principais tendências
22	25/06/2020	Pessoas contam em site o que descobriram com a pandemia e o que perderam com a quarentena
23	29/06/2020	Sobreviventes de coronavírus estão sob risco de 'estresse pós-traumático', advertem médicos

Esse material foi processado a partir da análise de conteúdo do tipo temática (Gomes, 2009; Minayo, 2012), empregando-se os seguintes procedimentos: pré análise, exploração do material, tratamento e interpretação. Nessa etapa final de análise dos núcleos de sentidos emergentes, adotamos as premissas da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin (2011), aportando-nos nos conceitos de linguagem, dialogismo e polifonia. Sob esta perspectiva, compreende-se, conforme Bakhtin e Valentin Volóchinov (2017), que os discursos carregam uma coletividade de vozes e um debate que não se restringe à temporalidade presente em que se dá sua expressão. São históricos, políticos, polifônicos - constituídos a partir de uma série de outros textos sociais e não se constituem isoladamente. Dessa maneira, o conteúdo proferido pelos veículos midiáticos como o analisado no presente trabalho, reflete certos valores ideológicos e redes de forças presentes no contexto histórico e sociopolítico em que estão situados. Nessa direção, para que se compreenda essa produção de sentidos é necessária uma análise sobre as condições políticas, ideológicas e sociais em que tais discursos são construídos, já que os enunciados são elaborados e proferidos de forma completamente vinculada a tais circunstâncias.

Nessa perspectiva, a linguagem assume caráter vivo, de modo que só pode ser compreendida e analisada em uma perspectiva relacional, o que significa dizer que os discursos proferidos por um veículo de comunicação são constituídos dialogicamente, relacionando-se com uma série de outros discursos - políticos, ideológicos e sociais, inclusive os discursos de quem “ouve” - que dão sentido ao que é dito e ao que é compreendido (Bakhtin, 2011). A partir destas premissas, compreendemos que discursos produzem crenças, práticas e afetos, conformando-se como uma ação social, que confere sentido e materialidade ao mundo, aos objetos, aos eventos e a cada um de nós que experienciamos tudo isto. Conforme nos adverte Marília Amorim (2011), a produção de um discurso ocorre mediante o encontro com o discurso de outrem, estabelecendo-se, portanto, uma interação viva e repleta de ambiguidades. Por conseguinte, Norman Fairclough (2003) ressalta que a análise do discurso, considerando o caráter dinâmico e vivo da linguagem, implica em focalizarmos nos aspectos textuais abrangendo o conjunto de redes e práticas sociais que conformam uma ordem discursiva. Dessa forma, partimos do pressuposto que discurso é ação e prática social, e não a mera representação ou tradução de algo, considerando sua perspectiva de produção de experiências e subjetividades.

Nesse contexto, a compreensão dos sentidos construídos em relação aos cuidados em saúde mental durante a pandemia de Covid-19 exige um olhar que transcenda a superfície das informações veiculadas pelos materiais coletados. Portanto, em meio a este percurso metodológico, consideramos que o discurso midiático analisado não apenas se configurou como um relato isento dos fatos, mas com capacidade de construção de realidades através de escolhas discursivas específicas. A adoção da perspectiva bakhtiniana sobre a linguagem permitiu que estas notícias fossem lidas não como relatos estáticos de um período específico, mas como enunciados vivos que respondem a um tempo histórico de crise a partir de interesses específicos. Assim, ao realizamos a análise das 23 reportagens selecionadas, elencamos duas categorias temáticas que buscam expressar tal historicidade, forças políticas e a polifonia presentes nos discursos midiáticos apresentados pelas reportagens, sendo elas: (a) Saúde mental individualista e psicopatológica em tempos de Covid-19: o esvaziamento de uma alternativa política; (b) O discurso científico-especialista hegemônico e a mídia como agente de informação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

SAÚDE MENTAL INDIVIDUALISTA E PSICOPATOLÓGICA EM TEMPOS DE COVID-19: O Esvaziamento de uma alternativa política

Ao analisarmos os sentidos de saúde mental apresentados pelas reportagens percebemos que para tratar a temática, as mesmas trouxeram como ponto de partida algum “problema de saúde mental”, identificados como ansiedade, depressão, medo, insônia e compulsão alimentar. Para os problemas identificados, é possível extrair no texto das reportagens estratégias que foram sugeridas para lidar com ou resolvê-los, dentre as quais

destacam-se dicas e guias, indicando tarefas e atividades a serem realizadas pelos sujeitos, em casa, durante o período de isolamento social, quais sejam: praticar exercício físico, estabelecer uma rotina, relaxar, fazer terapia, não ficar obcecado com notícias, negociar tarefas domésticas com familiares, entre outros.

Em uma das reportagens (19^a), cujo objetivo foi o de abordar possíveis “estratégias para reduzir os impactos da pandemia de coronavírus na saúde mental” são trazidas, através de uma lista, as seguintes sugestões apresentadas por “especialistas em saúde mental” - segundo a reportagem - para serem praticadas por cada sujeito experienciando o isolamento social: “Ser resiliente; Dosar o estresse; Praticar o otimismo; Recordar boas lembranças; Buscar informações verdadeiras; Evitar a negação da realidade; Enfrentar as adversidades de maneira consciente; Perceber que tendemos a ver as coisas pior do que elas realmente são; e buscar ajuda profissional”. Seguir tais estratégias auxiliaria o sujeito a melhor se adaptar ao contexto da pandemia e “ao nos adaptarmos às mudanças, não permitimos que a situação interfira em nossa saúde mental”.

Podemos depreender que se manifesta uma concepção de saúde mental atrelada à noção de objeto, de gerenciamento, de adaptação, em uma perspectiva individualizante, conservadora e reducionista. Perspectiva esta ancorada no discurso proferido pela Psiquiatria – em aliança com demais saberes do campo da Psicologia –, uma das principais vozes especialistas trazidas nas reportagens, que historicamente se articula à garantia de uma ordem e controle social, “tratando” de sujeitos resistentes e desviantes a um funcionamento (supostamente) harmônico da sociedade. A esse respeito, Foucault (1980) já apontava que, na passagem da medicina clássica para a medicina moderna, que inaugura o modelo biomédico da atenção, a integralidade do corpo se desfaz, contribuindo para a produção de um saber que transforma o cuidado médico em uma disciplina das doenças, tendo como alvo privilegiado o corpo individual dos sujeitos e o surgimento de novas formas de governar as pessoas, individual e coletivamente.

No contexto do capitalismo neoliberal, no qual a “coisificação” da vida humana atinge sua expressão máxima, a relação com o sofrimento psíquico é alterada, tendo a psiquiatria um importante papel nas compreensões presentes nessa nova relação que se forja. Vladimir Safatle, Nelson da Silva e Christian Dunker (2020) apontam que há, no neoliberalismo, uma aliança da psiquiatria à psicofarmacologia, bem como uma reformulação da noção de transtorno mental, compreendidos na lógica a partir da qual os sujeitos tomam a si próprios como empresas a serem geridas. Assim, o sujeito, tomado sob o prisma neoliberal, adotado e reforçado pela psiquiatria é autônomo em relação ao contexto histórico e social que o circunda, é “empresário de si”, nos termos de Pierre Dardot e Christian Laval (2016).

Nesta direção, percebe-se como os conteúdos apresentados pelas reportagens encontram-se imersos nessa lógica de individualização do sofrimento psíquico e, como consequência, da saúde mental. Não é à toa que as tidas respostas ao que é considerado um problema individual venham a partir dos sentidos de “desenvolver ferramentas” e “administrar conflitos” de modo que os sujeitos se adequem e se aprimorem, tornando-se produtivos e fazendo o melhor uso do seu tempo no *home office*. A saúde e o sujeito coisificados devem ser adaptados ao funcionamento imposto pela pandemia, utilizando-se de recursos próprios para lidar com o sofrimento. Justifica-se, assim, afirmações como a de uma atleta convidada pela reportagem: “positividade é igual atividade física, a gente tem que treinar o pensamento, é como se você fosse para academia, ao invés de exercitar o músculo você exercita o pensamento” (reportagem 18^a). A saúde é gerenciada, assim como a economia.

Ademais, autores como Nikolas Rose (2019) e Eva Illouz (2007) têm sinalizado para o processo de profunda individualização e responsabilização dos indivíduos nos processos de tratamento de adoecimentos de ordem psíquicas, culminando na produção de uma gramática psicológica dissociada das condições econômicas e sociais em que diferentes sujeitos e grupos sociais se inserem. Ocorre a produção de uma ideologia psicologizante e individualista que reforça o processo de gerenciamento de si e do controle individual das emoções como mérito e sinal de sucesso pessoal face aos desafios da vida no âmbito da sociedade neoliberal.

Ainda a este respeito, cumpre ressaltar o que nos adverte Byung-Chul Han (2015) sobre o advento da sociedade do cansaço, que é atrelada à produção de um sujeito do desempenho, no qual opera o vetor positivo do poder, com o estímulo à produção incessante como sinal de realização pessoal. Assim, em meio à sociedade do cansaço, imersa em adoecimentos e sofrimentos, o sujeito é convocado a apostar no melhor

aproveitamento de si, do outro e mesmo do ambiente, a despeito das condições adversas que porventura esteja inscrito, como foi o caso da pandemia. Trata-se de um caldo de cultura que, a despeito de todas as incertezas vivenciadas nos últimos tempos, pode ter sido reforçado durante o período pandêmico, em razão das múltiplas experiências dolorosas vivenciadas, sem o devido processo de cuidado em saúde mental ofertado sob uma perspectiva coletiva e política, ao passo que se fortalecera o imperativo do cuidado de si via discurso psiquiátrico e psicológico individualista e a-histórico, conforme identificado no material midiático aqui analisado.

Nesta perspectiva, notamos que o funcionamento percebido na Psiquiatria e Psicologia hegemônica se evidencia nas expressões da mídia: do mesmo modo pelo qual são determinados quadros psicopatológicos e definidos transtornos psiquiátricos pelo DSM ou pelo CID, através de um *checklist* de sintomas que enquadram categorias, as soluções difundidas pela mídia analisada e pelo discurso científico predominante também o fazem através dos tais guias, protocolos e dicas. Dos anos 1970 em diante, vivemos uma crescente patologização da vida cotidiana, impulsionada pela universalização de modelos classificatórios, fazendo com que os sujeitos cada vez mais nomeiem suas experiências psíquicas a partir das diretrizes diagnósticas desses manuais. A ampla divulgação de diagnósticos pela mídia favorece, assim, que se tornem parte de uma cultura diária, notando-se, inclusive, um vocabulário psicopatológico na vida cotidiana das pessoas (Bezerra, 2014).

Por conseguinte, o caráter coletivo e social inerente às expressões e efeitos da pandemia da Covid-19 é desconsiderado na maior parte das reportagens analisadas. Apenas uma reportagem considera os efeitos da pandemia na saúde mental da população como um problema de saúde pública (16^a), duas apontam os impactos da pandemia no trabalho e na renda como fatores relacionados à saúde mental (15^a e 18^a), embora em nenhuma destas reportagens esses dados sejam explorados ou colocados em relevo.

Nesta direção, Marcos Roberto Garcia et al. (2022) apontam que a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) se apresentou como grande apoiadora e divulgadora da expressão “quarta onda da Covid-19” ou “a onda das doenças mentais” no contexto brasileiro, conforme mencionado anteriormente. Os autores ressaltam o caráter individualista e reducionista presente nas afirmações e ações promovidas pela ABP, que ignoraram sobremaneira o caráter desigual de expansão das infecções a partir dos recortes de classe, raça e gênero. Esse caráter é exemplificado pela fala do presidente da ABP em uma live realizada durante a pandemia, na qual ele anuncia que os sintomas de medo do coronavírus e de sair de casa passam a ser uma doença quando te “geram prejuízos” e “atrapalham a produção/trabalho”.

Percebe-se, nos discursos da mídia e dos especialistas ouvidos nas reportagens, não só a patologização do sofrimento psíquico através das nomeações de “doença” e “sintomas”, como também a valorização e divulgação de ações individuais em detrimento de ações coletivas e estatais. De maneira ambivalente, as reportagens analisadas tratam e parecem direcionar-se a um sujeito abstrato, um sujeito genérico descolado de sua história de vida e condições concretas de existência, por um lado, mas também a um sujeito específico, pertencente a determinada classe econômica e social, por outro. Este último capaz de trabalhar em *home office*, de “reservar espaço para ficar sozinho em casa, colocar cadeira no jardim, quintal ou varanda com uma placa indicando espaço para ficar sozinho (6^a); praticar atividade física (1^a e 2^a); manter uma rotina saudável (5^a); e fazer terapia (1^a)”. Os sujeitos concretos, principalmente oriundos das classes subalternizadas deste país, que sofreram e ainda sofrem os impactos da pandemia, não têm voz nem lugar nesta mídia, e assim como certo saber médico e psicológico desqualificam as falas dos pacientes, as reportagens aqui analisadas também o fazem.

Ignacio Martín-Baró (2018), já apontara a saúde mental como uma dimensão das relações entre as pessoas e grupos, muito mais do que um atributo individual e que, portanto, trata-se de uma dimensão da própria vida humana, constituindo-se a partir de uma trama de relações históricas que envolvem os diferentes sujeitos e grupos sociais. Na contramão da Psiquiatria e Psicologia hegemônica e dos protocolos e guias divulgados pela mídia, Martín-Baró (2018, p. 255) afirma que “pode ser que um transtorno psíquico constitua um modo anormal de reagir diante de uma situação normal; mas também pode ser que se trate de uma reação normal diante de uma situação anormal”, concepção que não encontra guarida no bojo das reportagens analisadas.

Por fim, a partir dos enunciados analisados, observamos a conformação de uma voz monológica que tende a construção de um ideário hegemônico que compreende a experiência do sofrimento por um

prisma estritamente individualista. O material analisado aponta para o apagamento do contexto em que se organiza a circulação de práticas sociais de cuidado em saúde mental. Assim, as condições sociais, econômicas e políticas sob as quais a pandemia ocorreu foram dessubstancializadas nos materiais produzidos pelas reportagens, reforçando uma gramática discursiva em torno dos sintomas, transtornos e alternativas exclusivamente individuais, em detrimento a uma perspectiva que compreenda a saúde mental como um campo de lutas e construção de políticas e direitos sociais.

O DISCURSO CIENTÍFICO-ESPECIALISTA HEGEMÔNICO E A MÍDIA COMO AGENTE DE INFORMAÇÃO

A estrutura midiática brasileira é marcada por concentração, alianças ideológicas e econômicas que delineiam a produção e disseminação de conteúdo da grande mídia no país. Para Bourdieu (1997), porém, é necessário ir além de tais constatações. Para o autor, é essencial se debruçar sobre as estratégias discursivas e visuais que ocultam e evidenciam, simplificam e direcionam, esvaziam e supervalorizam, para além da dimensão dos interesses estatais, mercadológicos, privados e econômicos presentes na produção e disseminação do discurso midiático. Tais estratégias discursivas e visuais se fizeram presentes nas reportagens analisadas no presente trabalho, como abordaremos a seguir.

Como uma primeira estratégia utilizada, destacamos a escolha dos especialistas que opinam sobre as problemáticas apontadas nas reportagens, conforme sinalizado anteriormente: em maioria, psiquiatras (muitos destes do Norte global), psicólogos e profissionais de administração. De acordo com Dênis de Moraes (2016), ao analisarmos os espaços dedicados às opiniões profissionais na mídia, é importante que nos atentemos a quem são as pessoas escolhidas enquanto intelectuais que emitirão as opiniões ditas científicas. Podemos perceber que grande parte desse espaço de autoridade é preenchido por intelectuais que desenvolverão argumentos que, segundo o autor, validarão ou justificarão ideias que tendem a estar alinhadas a um certo ideário conservador e mercadológico.

Frente a uma abordagem midiática que realiza um recorte, adota um posicionamento ideológico, há, porém, um tom de neutralidade. A discussão realizada através das produções midiáticas é apresentada como uma síntese de fatos cientificamente validados, apesar de estar embebida de opiniões e posicionamentos específicos. Moraes (2016) destaca que apesar do claro posicionamento que favorece e justifica práticas e ideias condizentes à doxa neoliberal, um suposto tom de neutralidade analítica é assumido ao se utilizar falas e opiniões dos especialistas escolhidos. Podemos verificar este tom ao qual o autor se refere na Figura 1, extraída da quinta (5ª) reportagem:

Figura 1. Imagem de trecho de vídeo da reportagem 5, vide Quadro 1



Trata-se de um vídeo no qual a especialista, uma psicóloga trajada com um jaleco branco, oferece dicas sobre como lidar com a saúde mental durante o isolamento. Em consonância às reflexões de Moraes (2016) destaca-se um importante recurso visual utilizado no vídeo: a vestimenta da especialista – um jaleco branco, popularmente associado ao saber científico e à autoridade em saúde. Outro elemento diz respeito ao conteúdo do que é dito pela psicóloga. No vídeo, a profissional traz dicas sobre saúde mental, tais como: manter a calma, cultivar uma rotina saudável e cuidar das suas relações. Tais dicas reforçam, através de uma imagem de autoridade, a perspectiva individualizante, somática e a-histórica de saúde mental aqui discutida.

Percebemos este reforço em grande parte das reportagens analisadas, a partir da utilização dessa estratégia midiática: os especialistas, a partir do lugar de autoridade científica, apresentam uma série de dicas para lidar com as “consequências psicológicas” da pandemia da Covid-19, relacionadas principalmente ao isolamento social e às novas nuances do *home office*. Na reportagem 1, a psicóloga clínica Courtney Warren, ao discutir sobre emoções, alimentação e trabalho remoto, oferece dicas a respeito do assunto: “Warren aconselha as pessoas a encarar suas emoções, em vez de as sufocar por meio de alimentos”. Na reportagem 17, dicas também são oferecidas, dessa vez, no sentido de evitar a depressão durante a pandemia: “Faça pausas. Não dá para entrar na loucura de querer dar conta de tudo. Tente relaxar. Se conecte com quem você gosta. Converse com a família, amigos, não se isole. Faça doações”.

A análise desta estratégia levanta também uma outra questão: A quais sujeitos tais especialistas se direcionam? Qual temática evidenciam para alcançá-los? Destacamos, nesta direção, o protagonismo da temática “trabalho remoto/*home office*”. Como discutimos na categoria anterior, os sujeitos das classes subalternizadas deste país não tiveram voz, nem lugar nesta mídia que, a partir da escolha do enfoque, das imagens utilizadas (*notebooks*, celulares, e pessoas meditando em cômodos frescos, claros e com uma decoração *clean*), faz um recorte de classe, dirigindo-se a sujeitos com acesso a tecnologias e condições de trabalho específicas.

Figura 2. Ilustração da reportagem 4, vide Quadro 1



O direcionamento a determinados sujeitos, de determinada classe social, também pode ser evidenciado na análise dos títulos das reportagens, que explicitam para além do “trabalho remoto/*home office*”,

as tais dicas de cuidado emocional e individual, estilo de vida, prática de atividades físicas regulares e alimentação: “Coronavírus: Como evitar comer demais enquanto trabalha de casa”, “Como posso me aperfeiçoar no período de isolamento?”, “Coronavírus: como manter a saúde mental em períodos de isolamento?”, “Coronavírus: dicas para organizar a vida durante o isolamento”, “Coronavírus: como identificar a depressão na pandemia? Veja as dicas do Bem Estar”, “Quais estratégias podem ajudar a reduzir os impactos da pandemia de coronavírus na saúde mental?”.

Figura 3. Ilustração da reportagem 12, vide Quadro 1



As imagens, como estratégia visual reforçadora, refletem essas mesmas problemáticas. Dessa forma, a escolha das figuras também diz sobre esse recorte de classe do direcionamento das notícias. Na Figura 3, por exemplo, uma mulher aparece praticando exercícios físicos em frente a um *notebook*, em uma sala com ambiente *clean*.

As escolhas dos títulos, temáticas, abordagens e imagens evidenciam os interesses e perspectivas do veículo comunicacional em questão. Desse modo, no material aqui analisado, a escolha de textual e imagética referidas ao mercado de trabalho, tecnologias e estratégias individuais de manejo de estresse e ansiedade, reforçam a reprodução da compreensão de saúde mental enquanto um produto de mercado, liberal e em prol do desempenho. Observamos, no uso dessas estratégias, aquilo que Bourdieu (1997) nomeia como “ocultar mostrando”, a dinâmica midiática de se ocultar uma realidade através do destaque de uma outra - no caso em questão, a realidade da maioria da classe trabalhadora brasileira. Para o autor, as imagens e as palavras são recursos potentes no sentido de se fazer ver a exceção, a tornando banal. Cria-se uma espécie de comum e corriqueiro, enquanto oculta-se a realidade ordinária, os problemas reais que não se deseja mostrar.

Existe, então, certa intencionalidade na utilização do mecanismo de se ocultar determinadas faces da realidade em função de mostrar o cenário que se deseja. O veículo aqui analisado, por exemplo, é um portal *online* de notícias pertencente ao grupo Globo -conglomerado midiático que protagoniza o contexto brasileiro há anos, tanto em tecnologia, quanto em alcance. O que lhe interessa ocultar e evidenciar nas reportagens aqui analisadas?

De acordo com Marcia Quinzani (2020), o contexto da pandemia no cenário brasileiro reproduziu e intensificou as inúmeras desigualdades brasileiras. Com altos índices de pauperização, desemprego, e

um sistema de saúde sobrecarregado e sucateado, mesmo as medidas básicas de isolamento e restrição recomendadas pela Organização Mundial de Saúde tornaram-se praticamente inaplicáveis a grande parcela da população. Mais de 13 milhões de brasileiros, por exemplo, residem em locais com infraestruturas precárias. Podemos citar também as pessoas em situação de rua e os encarcerados, todos grupos populacionais expressivos que não são abarcados – são ocultados – pela discussão de saúde mental abordada no material aqui analisado.

Questões que relacionem saúde mental à pobreza, precarização ou grupos marginalizados no contexto da pandemia, são abordadas pelas reportagens através de simples notas e lembretes, adicionados de modo quase ilustrativo às discussões. Trechos das reportagens (1ª e 15ª), respectivamente, por exemplo, tratam a intensificação da pauperização e a fome como meras variáveis a serem consideradas: “Pode parecer insensível falar sobre comer por estresse agora, com tantas pessoas se preocupando com comida e dinheiro devido à enorme consequência econômica da Covid-19. No entanto, preocupar-se com a comida pode, por si só, te levar a comer por emoção.”; “É preciso analisar ainda nestes casos a influência do ambiente, como as preocupações financeiras provocadas pela falta de trabalho ou por dívidas hospitalares, receio de estigmatização em determinados locais etc.”

Nesse sentido, cabe analisar a maneira através da qual a relação entre a saúde mental durante a pandemia e condições materiais, sociais, políticas e de pauperização foram abordadas. Tratando das práticas midiáticas, Moraes (2016), em consonância a Bourdieu (1997), ressalta que ideias antagônicas à ordem são apresentadas estrategicamente de formas esvaziadas, descontextualizadas, simplificadas e até mesmo confusas. Enquanto é apresentada uma visão ideológica que é supostamente embasada, crível e compreensível dos fatos – no caso das reportagens, reforçada e legitimada pelos especialistas –, determinadas questões sociais são apresentadas (quando apresentadas) de formas descontextualizadas, evitando adicionar tais contradições sociais às interpretações dos fatos.

Observemos, por exemplo, o seguinte trecho da reportagem (22ª), em que a especialista Rebecca Adelman, professora do Departamento de Estudos em Comunicação e Mídia da Universidade de Maryland, Estados Unidos fala sobre as perdas na pandemia: “Ouvimos falar de milhões de empregos perdidos, prejuízos ... milhares de mortos todos os dias. Mas as perdas consideradas menores, as que vivenciamos no dia a dia, parecem ser as que realmente nos surpreendem. Muitas dessas perdas não serão noticiadas”.

Como exemplificado no trecho acima, assim como em outras falas de especialistas já citadas neste texto (tais como os trechos das reportagens 1 e 15, em que as condições de pobreza aparecem nas entrelinhas), nas reportagens analisadas, através de diversas falas de especialistas, existe o movimento de citar condições sociais, políticas e econômicas que geram impacto sobre a saúde mental, porém, como uma mera variável, na medida em que as individualidades e relações no âmbito privado dos lares são evidenciadas como algo verdadeiramente relevante. Através desse tipo de prática, numa relação estreita entre mídia e política, em que as abordagens midiáticas são atravessadas por interesses ideológicos, constrói-se um tipo de senso comum. Através desse senso comum, que parte de um conjunto de ideias hegemônicas histórica e culturalmente produzidas, popularmente aceitas e disseminadas, constrói-se aceitação social de tais valores e perspectivas que a mídia apresenta, colaborando assim, na manutenção de uma ordem moral e sócio-política vigente (Gramsci, 1982).

Há de se considerar, ainda, que estamos analisando um portal de notícias *online* amplamente acessado e pertencente à empresa midiática mais popular no Brasil. Este portal de notícias, assim como outras inúmeras plataformas midiáticas, compõe uma conjuntura global protagonizada pelo mercado digital, que atrai a cada dia novos usuários, e oferece uma série de facilidades cotidianas. Segundo Marcos Dantas, Denise Moura, Gabriela Raulino e Larissa Ormay (2022), ao mesmo tempo em que fornecem praticidade, comunicação facilitada e entretenimento, recursos como as redes sociais, as plataformas de mensagens instantâneas, *feed* de notícias, redes de *streaming*, anúncios personalizados e direcionamento personalizado de conteúdo, possibilitam também a coleta de dados pessoais pelas grandes plataformas sociodigitais.

A questão da coleta e mercantilização dos dados pessoais insere-se em uma discussão ampla e complexa, que não pretendemos nos aprofundar neste trabalho, porém, não podemos deixar de men-

cionar o aspecto do direcionamento de conteúdo. Os interesses sinalizados através dos cliques, buscas, trocas de mensagens, tempo de tela, assim como outros elementos do comportamento digital, guiam o conteúdo a ser sugerido a cada pessoa. Assim, o “ocultar mostrando” de Bourdieu (1997) ganha novos contornos tecnológicos e mercadológicos. O senso comum, as ideias hegemônicas e as opiniões consideradas populares, são atravessadas, então, pela realidade tecnológica do mercado digital sob o qual estamos imersos (Dantas et al. 2022).

A partir desse cenário imagético e discursivo construído por uma plataforma midiática de largo alcance que possui recursos tecnológicos e capital simbólico (Bourdieu, 1997) no contexto brasileiro, o que é colocado em pauta, ou seja, o que é considerado importante na discussão sobre saúde mental na pandemia, é apresentado através da problemática das tecnologias, do isolamento, das novas nuances do *home office* e do sofrimento psicológico individualizado. A partir dessa lógica, os consensos, o senso comum, as opiniões e as subjetividades são forjadas e direcionadas a determinados temas e, no caso em tela, contribuem para reforçar perspectivas restritivas sobre o cuidado em saúde mental (Gramsci, 1982; Guareschi, 2012; Moraes, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivida durante a pandemia da Covid-19 possibilitou um conjunto de reflexões sobre a necessidade de mudança nos modos de vida e nas práticas de cuidado em saúde e saúde mental. A discussão sobre estratégias coletivas de cuidado tem sido cada vez mais debatidas em detrimento às saídas meramente individualistas e privatistas tão apregoadas no âmbito do mercado dos saberes e práticas psiquiátricas e psicológicas.

O papel da comunicação midiática na propagação de discursos ideológicos e simbólicos sobre os tratamentos e possibilidades de cuidado em saúde mental tem sido cada vez mais importante na produção subjetiva da sociedade atual. Indubitavelmente o aparato midiático desempenhou um papel importante durante a pandemia da Covid-19, na medida em que a esfera da mídia se configurou como uma arena de debate político sobre o vírus, os efeitos da doença e as estratégias de proteção e cuidado em saúde e saúde mental.

A partir do que observamos na presente pesquisa, o veículo midiático analisado contribuiu para o reforço de um ideário individualista e calcado em uma razão psicopatológica e de medicalização da vida. Além disso, diferentes estratégias de comunicação foram implementadas, valendo-se do discurso especialista como garantidor de credibilidade a certas narrativas consideradas verdadeiras frente à sociedade brasileira. Estratégias estas que revelam não apenas o que se apresenta como notícia, mas sobretudo, o que se oculta da informação noticiada, como o silenciamento sobre o quadro de saúde mental de sujeitos e grupos sociais historicamente subalternizados, que não se enquadram no modelo de sujeito universal, representante de um tipo privilegiado de classe social e racial em nosso país.

A pandemia instaurou um quadro de espanto, de assombro e de temor pelas nossas vidas e de quem amamos, e mesmo daquelas/es que nem mesmo conhecíamos. Em cenários como esses, marcados pelo horror, somos invariavelmente convocados a inventar novas maneiras de viver e estar no mundo: movimento este, intimamente relacionado à saúde mental, cujo debate remete à reflexão sobre que tipo de sujeito e sociedade desejamos incitar e construir, bem como as contribuições necessárias à tessitura de uma vida menos adoecida. Neste sentido, consideramos que um outro paradigma em saúde e saúde mental necessita ser mais vocalizado. Um movimento que defenda o cuidado com a vida de todos, que supere o modelo neoliberal e conservador de (re)produção social, e que compreenda o humano em relação consigo e com o outro, com a natureza e com os demais seres vivos com os quais convivemos, sejam eles os vírus, os outros animais e mesmo os objetos com os quais nos relacionamos.

REFERÊNCIAS

- Amorim, M.** (2011). *O Pesquisador e Seu Outro*. Bakhtin nas Ciências Humanas. Musa Editora.
- Bakhtin, M.** (2011). *Estética da Criação Verbal*. Martins Fontes.
- Bakhtin, M. & Volóchinov, V.** (2017). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Editora 34.
- Bezerra, B.** (2014). A psiquiatria contemporânea e seus benefícios. In R. Zorzanelli, B. Bezerra, & J. Costa (Orgs.), *A criação de diagnósticos na psiquiatria contemporânea* (pp 9-31). Garamond.
- Bonet, O.** (2021). La sociedad del espanto. Mallas de vidas en cuarentena. *Horizontes Antropológicos*, 27(59), 147-163. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832021000100008>
- Bourdieu, P.** (1997). *Sobre a televisão*. Zahar.
- Cabral, E. D. T.** (2016). Mídia concentrada no Brasil: até quando? *Revista latinoamericana de ciencias de la comunicación*, 13, 48-59. <https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/handle/20.500.11997/18052/725-1975-1-PB.pdf?sequence=1>
- Cellard, A.** (2008). Análise documental. In A. Loperrière, R. Mayer, & R. Pires (Orgs.), *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp 215-310). Vozes.
- Dantas, M., Moura, M., Raulino, G. & Ormay, L.** (2022). *O valor da informação: de como o capital se apropria do trabalho social na era do espetáculo e da internet* (1ª ed.). Boitempo.
- Dardot, P. & Laval, C.** (2016). Neoliberalismo e subjetivação capitalista. *Revista Olho da História*, 22, 1-15. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6978605/mod_resource/content/1/DARDOT%2C%20P.%20e%20LAVAL%2C%20C.%20-%20Neoliberalismo%20e%20subjetiva%C3%A7%C3%A3o%20capitalista.pdf
- Fairclough, N.** (2003). *Analysing discourse: Textual analysis for social research*. Routledge.
- Foucault, M.** (1980). *O Nascimento da Clínica* (2ª ed.). Forense Universitária.
- Foucault, M.** (2008). *A arqueologia do saber* (7ª ed.). Forense Universitária.
- Garcia, M., Amorim, S., Rodrigues, G., & Mendonça, L.** (2022). Contrarreforma psiquiátrica brasileira e medicalização do sofrimento mental na pandemia de Covid-19. *Revista em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, 20(49), 95-108. <https://doi.org/10.12957/rep.2022.63525>
- Gomes, R.** (2009). Análise e interpretação de dados em pesquisa qualitativa. In M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (28ª ed., pp. 67-79). Vozes.
- Gramsci, A.** (1982). *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. CIV.
- Guareschi, P. A.** (2012). *Psicologia social crítica como prática de libertação*. EDIPUCRS.
- Han, B. C.** (2015). *Sociedade do cansaço*. Vozes.
- Herscovitz, H. G.** (2009). Características dos portais brasileiros de notícias. *Brazilian Journalism Research*, 1(2), 1-24. <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/197>
- Huq, M., Das, T., Devakumar, D., Daruwalla, N. & Osrin, D.** (2021). Intersectional tension: a qualitative study of the effects of the Covid-19 response on survivors of violence against women in urban India. *BMJ Open*, 11, 1-10. 10.1136/bmjopen-2021-050381
- Illouz, E.** (2007). *Cold intimacies: The making of emotional capitalism*. Polity.
- Lee, H. & Singh, G.K.** (2021). Monthly trends in self-reported health status and depression by race/ethnicity and socioeconomic status during

the Covid-19 Pandemic. *Annals of Epidemiology*, 63, 52-62. <https://doi.org/10.1016/j.annepidem.2021.07.014>

Spink, Mary Jane (1999). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. Cortez.

Martín-Baró, I. (2018). Guerra e saúde mental. In L. Lacerda (Org.), *Crítica e libertação na psicologia – estudos psicossociais* (pp. 251-270). Vozes.

Minayo, M. C. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 621-626. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>

Moraes, D. (2016). *Crítica da mídia & hegemonia cultural*. Editora Mauad/FAPERJ.

Moulin, F., Bailhache, M., Monnier, M., Thierry, X., Vandentorren, S., Côté, S. M., & Galéra, C. (2022). Longitudinal impact of psychosocial status on children's mental health in the context of Covid-19 pandemic restrictions. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 32(6), 1073-1082. <https://doi.org/10.1007/s00787-022-02010-w>

Moura, E. C., Cortez-Escalante, J., Cavalcante, F. V., Barreto, I. C. H. C., Sanchez, M. N., & Santos, L. M. P. (2022). Covid-19: evolução temporal e imunização nas três ondas epidemiológicas, Brasil, 2020-2022. *Rev Saúde Pública*, 56(105), 1-11. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2022056004907>

Quinzani, M. A. D. (2020). O avanço da pobreza e da desigualdade social como efeitos da crise da covid-19 e o estado de bem-estar social. *Boletim De Conjuntura (BOCA)*, 2(6), 43-47. <https://doi.org/10.5281/zenodo.3833203>

Raquel, C. P., Ribeiro, K. G., Alencar, N. E. S, Souza, D. F. O., Barreto, I. C. H. C., & Andrade, L. O. M. (2022). Os caminhos da ciência para enfrentar fake news sobre covid-19. *Saúde e Sociedade*, 31(4), 1-16. <https://doi.org/10.1590/S0104-1290202210601pt>

Refaeli, T. & Krumer-Nevo, M. (2021). Mental distress during the coronavirus pandemic in Israel: Who are the most vulnerable? *International journal of environmental research and public health*, 19(1), 1-13. <https://doi.org/10.3390/ijerph19010124>.

Rose, N. (2019). *Our Psychiatric: Future the Politics of Mental Health*. Polity Press.

Safatle, V., da Silva, N., & Dunker, C. (2020). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Autêntica.

Santos, S. dos & Aires, J. (2017). *Sempre foi pela família: mídias e políticas no Brasil*. Mauad.

Thompson, J. B. (2002). *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Vozes.

Vasconcellos-Silva, P. R. & Castiel, L. D. (2022). As fake news e os sete pecados do capital: uma análise metafórica de vícios no contexto pandêmico da Covid-19. *Cadernos de Saúde Pública*, 38(5), 1-14. <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT195421>

Zorzanelli, R. T., Giordani, S., Guaraldo L., De Matos, G. C., Brito, A. G., Oliveira, M. C., Souza, R. M., Mendes, R. Q., & Rozenfeld, S. (2019). Consumo do benzodiazepínico clonazepam (Rivotril®) no Estado do Rio de Janeiro, Brasil, 2009-2013: estudo ecológico. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(8), 3129-3140. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018248.23232017>

Histórico	<i>Submissão: 25/10/2024</i> <i>Revisão: 09/02/2026</i> <i>Aceite: 09/02/2026</i>
Editor científico	<i>Dr. Breno de Oliveira Ferreira</i>
Contribuição dos autores	<i>Conceitualização: CMSD; LPC; FSP; GFS; GFC</i> <i>Curadoria de dados: CMSD; LPC; FSP; GFS; GFC</i> <i>Análise formal: CMSD; LPC; FSP;</i> <i>Investigação: CMSD; LPC; FSP; GFS; GFC</i> <i>Metodologia: CMSD; LPC; FSP; GFS; GFC;</i> <i>Escrita original: CMSD; LPC; FSP;</i> <i>Escrita - revisão e edição: CMSD; LPC; FSP.</i>
Financiamento	<i>Não houve financiamento</i>
Consentimento de uso de imagem	<i>Não se aplica</i>
Aprovação, ética e consentimento	<i>Não se aplica</i>
Disponibilidade de dados	<i>Os conjuntos de dados utilizados ou analisados durante o estudo atual estão disponíveis junto ao autor correspondente mediante solicitação razoável.</i>